



Contribuições para Ensino Remoto

Primeiros Passos

Dizer que 2020 está sendo um ano atípico é um eufemismo. A verdade é que tivemos nossas vidas transformadas e nossas rotinas completamente atropeladas devido à pandemia do novo coronavírus.

Ao longo do primeiro semestre, as universidades integrantes do Consórcio Cederj tiveram uma atuação exemplar no combate à COVID-19: redirecionando esforços para pesquisas sobre a doença, desenvolvendo equipamentos de tratamento e de segurança, difundindo para a população informações confiáveis, para que as pessoas pudessem se proteger melhor. Houve, ainda, a manutenção de outras atividades de extensão e de pesquisa e tivemos até mesmo estudantes de pós-graduação se tornando mestres e doutores nesse meio-tempo. Somente as atividades regulares de ensino de graduação, de modo geral, foram suspensas, para evitar soluções apressadas que deixassem parte dos alunos para trás. Assim, cada universidade consorciada buscou as saídas mais adequadas, dentro de suas realidades, para garantir o acesso ao maior número possível de estudantes e, agora, elas se preparam para uma nova etapa, a de retomada das atividades de ensino.

Passados quatro meses de distanciamento social, ainda não sabemos quando poderemos nos “aglomerar” em salas de aula novamente e tudo indica que o retorno às atividades presenciais será gradual. A consequência disso, para os cursos de graduação, é que parte da carga horária ainda será alocada para atividades virtuais por um bom tempo. O desafio que se coloca, então, é o de estabelecermos um modelo inclusivo de educação que possibilite oferta remota de conteúdo, para garantir o direito aos estudos, mesmo em condições tão adversas. Chegaremos a esse novo modelo utilizando as diferentes tecnologias educacionais, de forma a atender às expectativas de qualidade que temos para as nossas instituições.

A Fundação Cecierj contribui com esse esforço compartilhando o aprendizado adquirido ao longo de 20 anos de experiência em educação a distância. Além deste material, elaboramos:



uma pequena *playlist* de vídeos com passos iniciais para o ensino remoto



um portal com informações complementares e recursos



um conjunto de cursos, que estão listados e acompanhados de breves descrições ao final deste documento

POR QUE FALAMOS EM ENSINO REMOTO E NÃO EM EAD?

Para começar esclarecendo o debate, vale distinguir a educação a distância do ensino remoto. A educação a distância é uma modalidade de ensino própria, regida por uma legislação específica e que tem uma característica em particular, que falta ao ensino remoto: na EaD, tanto professores quanto estudantes optaram, em algum momento, por trabalhar ou estudar a distância. Isso significa também que esses indivíduos pertencem a uma instituição que se preparou para essa oferta, muito provavelmente com uma equipe multidisciplinar que participa ativamente da produção e da oferta dos cursos, junto com os professores. Essa é uma realidade bastante diferente da que temos hoje, em que é um vírus que nos obriga a ficarmos distantes uns dos outros – momento para o qual ninguém havia se preparado.

Boa parte do debate tem ocorrido em torno do acesso a dispositivos digitais e à internet. Mas, em nosso contexto, convém lembrar que o Consórcio Ciecierj oferece graduação a distância há 20 anos. Ou seja, antes de existirem *YouTube* ou *smartphones*, já formávamos, com qualidade, professores no interior do estado do Rio de Janeiro. Ao longo desse tempo, aprendemos o que é de fato essencial para estruturar cursos em que professores e alunos não se encontram em sala de aula. Destacamos quatro pontos que serão abordados nas próximas seções:

Gestão do tempo



Com a sobreposição de demandas de estudo, trabalho e família num mesmo espaço, a exigência de manter a atenção exclusiva por longos períodos e em horário pré-determinado pode se tornar uma dificuldade maior do que a prevista, tanto para professores quanto para estudantes. É preciso haver uma repactuação das responsabilidades acerca do que é absolutamente necessário fazer num encontro virtual e o que pode ser delegado para ser feito de acordo com o tempo de cada um.

Aprendizagem significativa



Duas das principais armadilhas da EaD são: (1) a redução do processo educacional à mera entrega de conteúdo, com pouca participação ativa por parte do estudante e (2) o aluno se sentir sozinho, o que frequentemente leva à evasão. Isso se torna um risco ainda maior neste momento de isolamento social e retomada dos estudos após alguns meses sem aulas. Nada disso, porém, é intrínseco à educação a distância, que possui abordagens pedagógicas e ferramentas pensadas para ajudar a superar esses obstáculos.

Avaliação



Este é um tema que gera muitas dúvidas. Veremos que instrumentos avaliativos são mais adequados para este momento, já que prova, como a conhecemos, se torna impossível.

Abertura à experimentação



Este é um momento inédito e precisamos estar constantemente atentos para perceber o que está funcionando e o que precisa ser ajustado. Sem a possibilidade de levantar o dedo e esclarecer dúvidas rapidamente, recai ainda mais sobre o professor a responsabilidade de ser o mais claro possível em suas orientações, para que os estudantes saibam o que fazer. Além disso, como estamos testando um novo modelo de educação, é importante que haja uma rotina de comunicação também entre professores, para que aprendam uns com as experiências dos outros. E, como estamos numa crise sanitária, vale estabelecer protocolos para que qualquer um possa comunicar possíveis dificuldades em dar continuidade ao curso.

EQUILÍBRIO ENTRE ATIVIDADES SÍNCRONAS E ASSÍNCRONAS

Desde março, escolas e universidades por todo o país já iniciaram suas atividades remotas, com diferentes graus de sucesso. Vimos uma grande aposta no uso de tecnologias como videoconferências, e o debate no setor público, como já mencionado, acabou se concentrando sobretudo na questão das dificuldades de acesso a dispositivos digitais e à internet. Porém, essas questões técnicas são apenas uma parte do problema que, a propósito, algumas universidades até conseguiram mitigar, redirecionando recursos da assistência estudantil para a entrega de *chips* de dados para seus estudantes, por exemplo.

A barreira dos dados não é a única contraindicação ao uso pesado de videoconferências. As atividades síncronas, com horário marcado, são muito custosas não apenas pelos dados que consomem, mas também por se imporem como prioridade em um horário arbitrário. Não sabemos da realidade de cada um dos participantes do curso. Muitos têm filhos e, sem a escola, não necessariamente têm mais aquele horário dedicado de maneira exclusiva aos estudos. Outros podem estar lidando com a COVID-19 ou cuidando de um parente doente. Esses são apenas alguns dos exemplos de como, neste momento de pandemia, as atividades de estudo são atravessadas por outras demandas na vida tanto de estudantes quanto de professores.

Nós recomendamos que esses momentos de encontro virtual sejam utilizados com parcimônia e que se aproveite a presença de todos, abrindo espaço para falas e promovendo a interação entre estudantes. Isso significa que a parte expositiva do curso lhes deve ser enviada para que leiam ou assistam em um momento mais propício da rotina de cada um, num horário em que consigam se concentrar melhor, para que possam chegar mais bem preparados para a discussão no momento síncrono.

Para favorecer uma aprendizagem significativa, você pode auxiliar a organização acadêmica do aluno e estimular a criação de um plano de estudos. Dê preferência, por exemplo, a que o material a ser estudado não dependa de *streaming*, para que o discente possa baixar e ler ou assistir depois. Isso é importante para os alunos que têm dificuldade de acesso à internet. Assim, eles podem ir a algum lugar que disponha de rede apenas uma ou duas vezes por semana, para baixar todo o material de que precisam para estudar por mais tempo.

O equilíbrio entre atividades síncronas e assíncronas é, sem dúvida, uma das chaves para tornar a construção de um modelo de ensino remoto mais inclusivo.

FOMENTANDO REFLEXÕES APROFUNDADAS E TROCAS ENTRE OS ESTUDANTES

Com o crescimento da educação a distância nos últimos anos, existem três discussões diferentes e que se misturam no debate público. A primeira diz respeito à modalidade de ensino: se é presencial ou a distância. A segunda se debruça sobre o modelo de educação ou a abordagem pedagógica escolhida, o que, na linguagem popular, é chamado de “construtivista” ou “conteudista”, por exemplo. Por fim, a terceira discussão trata de qualidade e precarização. Com a pandemia e a adaptação ao ensino remoto, esse debate ficou ainda mais confuso.

Veremos, a seguir, alguns exemplos de atividades que buscam mitigar os efeitos do distanciamento, promover trocas significativas e reflexão aprofundada entre os estudantes. Nosso foco serão as atividades assíncronas e exploraremos como elas podem ser planejadas, de forma a atender aos objetivos de fortalecimento dos laços entre os estudantes e estímulo à reflexão aprofundada. As disciplinas e os perfis das turmas são muito diferentes, então é claro que não teremos tempo de abordar todos os cenários aqui. Para aprofundar esse assunto, recomendamos que você se inscreva em um dos cursos que estamos oferecendo neste momento. Por ora, vamos nos limitar a algumas situações comuns, mas reiteramos nossa proposta de que você se inscreva no curso que melhor se adequa à sua realidade, para aprofundar o que for de seu interesse.

Situação 1

Cursos baseados em leituras e discussões de texto



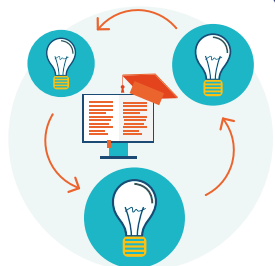
Você pode disponibilizar três textos sobre um mesmo assunto, escritos por autores diferentes, e, num primeiro momento, distribuí-los entre seus alunos de forma que cada estudante leia apenas um dos textos. Em seguida, agrupe os que leram o mesmo texto e peça que produzam uma síntese do argumento do autor – cada um complementando o que já foi escrito por outras pessoas. Num terceiro momento, peça que os alunos leiam os documentos-síntese dos outros grupos e que comentem (elaborando comparações e contrastes com o que leram no próprio texto). Essa atividade pode ser desenvolvida a partir de uma ferramenta de fórum, se você estiver utilizando uma plataforma de ensino para o seu curso, do *Google Docs* ou mesmo por trocas de *e-mails*, sendo que essa opção requer um pouco mais de organização de sua parte, para que os alunos não se percam na versão do texto sobre a qual devem trabalhar. Caso opte por trabalhar com um fórum ou com o *Google Docs*, você pode monitorar o progresso da atividade corrigindo eventuais erros de compreensão ou instigando que os estudantes aprofundem o debate. Ao final, pode marcar uma videoconferência para que todos comentem a atividade.

Em disciplinas de Literatura, História, Geografia e Direito, por exemplo, você pode fazer uma variação dessa atividade, distribuindo um mesmo texto e pedindo para que o aluno responda a uma questão ou defenda uma posição em uma situação nova, de acordo com o ponto de vista de alguma das personagens/das classes representadas no texto, usando partes dele para embasar sua resposta. Pode pedir ainda que os estudantes comentem as respostas uns dos outros a partir do ponto de vista de outra personagem.

Situação 2

Cursos que apresentam muitos conceitos

macrovector_official / Freepik



Assim como a *Wikipédia* tem páginas diferentes para assuntos diferentes e *hiperlinks* que conectam os diversos tópicos, os estudantes podem construir um *wiki* sobre a disciplina. Isso pode ser feito de forma individual, mas, idealmente, ocorrerá em grupos, para que os colegas leiam e complementem os trabalhos uns dos outros. Se for adequado à sua disciplina, você pode estimular a pesquisa ou a produção de imagens e/ou vídeos que enriqueçam o conteúdo textual. O curso pode ser estruturado com entregas intermediárias, de forma que, ao final, tenhamos uma produção robusta a ser avaliada.

Em vez de um seminário clássico, podemos pedir que os estudantes produzam vídeos com suas apresentações. Esse material pode ser uma filmagem, mesmo, ou uma narração, com imagens ou *slides* que ilustrem o que está sendo narrado.

Uma versão mais simples dessa proposta é a entrega de um arquivo de áudio em vez de vídeo. Para uma produção coletiva, é possível criar um *podcast* da turma, em que, a cada semana, um aluno ou um grupo fica responsável por um episódio, que caberá aos outros comentar.

Situação 3

Disciplinas organizadas por seminários discentes

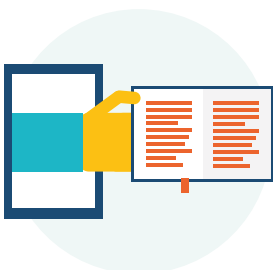


macrovector_official / Freepik

Situação 4

Disciplinas de projeto ou de produção textual

macrovector_official / Freepik



Nesse caso, é possível estruturar a disciplina em etapas, de forma que o aluno faça entregas parciais, até construir algo substancial, ao final da disciplina. Recomendamos que haja tempo alocado para que o aluno volte e melhore partes já entregues, a partir de comentários do professor e dos colegas.

COMO AVALIAR A APRENDIZAGEM REMOTA?

Avaliação é um tema que gera muita ansiedade, pois invariavelmente é reduzida a um veredito sobre o estudante, que se encaixa ou não no grupo dos que estão aptos a seguir para o próximo estágio de aprendizagem. Tratada de forma mais ampla, no entanto, a avaliação serve para que o estudante tome consciência do que ele já aprendeu e daquilo em que ainda pode melhorar.

Para começar esse tema, vale lembrar que existem três grandes **categorias de avaliação**: diagnóstica, formativa e somativa. As **avaliações diagnósticas** são normalmente aplicadas no início do curso e, como o próprio nome indica, oferecem um diagnóstico do conhecimento prévio dos estudantes. As **somativas** são as mais comuns na universidade: elas ocorrem ao final do processo, para avaliar o que o aluno foi capaz de aprender e o que ele consegue fazer após determinado período de tempo. Prova é o instrumento mais comum nesse tipo de avaliação. O grande porém é que não é possível fiscalizar prova remotamente. Há estratégias para minimizar as chances de cola, principalmente se o professor estiver utilizando ferramentas de questionário. É possível, por exemplo, restringir a uma única tentativa por aluno, estabelecer um limite de tempo para a conclusão da prova e trabalhar a partir de um banco de questões que oferece um

conjunto aleatório de perguntas para cada usuário. Ainda assim, nada se aproxima do que, em condições normais, chamamos de fiscalização de prova. A **formativa**, por sua vez, é uma avaliação constante, de produção contínua, e tende a ser a mais adequada para o ensino, de modo geral.

Para viabilizar uma avaliação formativa que não sobrecarregue os professores, podemos oferecer outras oportunidades de avaliação ao longo do curso, como a **autoavaliação** ou a **avaliação por pares**. Às vezes, um estudante não pede esclarecimento pois acha que compreendeu o assunto abordado, mas entendeu errado o que leu ou ouviu. Exercícios simples de múltipla-escolha, preenchimento de lacunas ou associação podem auxiliá-lo a verificar sua compreensão sobre o conteúdo que foi exposto.

É possível também adotar a avaliação por pares, principalmente se optar por uma abordagem pedagógica que envolva entregas parciais, com a possibilidade de melhorias antes da entrega final. Nesse caso, é recomendável que você forneça aos alunos parâmetros para avaliarem os trabalhos uns dos outros. Isso ajuda a balizar as avaliações e também os orienta na produção do próprio trabalho. Quando se adota essa técnica, a expectativa é a de que os trabalhos finais entregues sejam de melhor qualidade e mais fáceis de corrigir do que uma versão de primeira entrega que não tenha sido submetida a outros olhares. Para a nota final, é possível levar em consideração também os comentários que o estudante fez em trabalhos de colegas. A avaliação por pares é um dos pilares das comunidades científicas e não há qualquer motivo para que os estudantes não tenham contato com essa prática até a conclusão do doutorado.

CONVITE À EXPERIMENTAÇÃO

Como dito anteriormente, a situação é inédita. Isso significa que esta é a primeira vez que tanto professores quanto estudantes se deparam com a atual forma de ensinar e aprender. Em educação, já devemos desconfiar de fórmulas prontas, e isso, hoje, se torna ainda mais verdadeiro, **dado o ineditismo do que estamos vivendo. É crucial manter uma postura de abertura à experimentação, com diálogo constante com seus estudantes, para ir avaliando se o que você propôs está funcionando e, se for necessário, fazer ajustes para que a experiência seja mais proveitosa para todos, incluindo você, professor(a).** É recomendável também que cada instituto ou departamento abra espaço para que os docentes troquem experiências e aprendam uns com os outros.

É papel dos profissionais da educação pública buscar uma forma de garantir o direito à educação, mesmo nesta situação adversa. A universidade pública deve seguir mantendo a mesma atitude proativa adotada para lidar com as medidas de combate à epidemia, sendo uma fonte de soluções para a sociedade e também na área da educação. Abrir mão dessa missão custará ver fortalecido, exatamente, o padrão de qualidade questionável que vem sendo estabelecido pelos grandes conglomerados empresariais de educação a distância. A Fundação Cecierj se coloca como parceira nessa empreitada pela qualidade da educação pública remota emergencial.

CURSOS



Ensino Remoto:

Por onde começar?

O curso oferece a fundamentação e as noções básicas sobre o processo de transposição das aulas presenciais para modelos flexíveis de aulas remotas mediadas por tecnologia. Além disso, destaca a importância do planejamento educacional e da orientação ao estudante nesse modelo, bem como orienta os docentes sobre como realizar as adequadas escolhas didáticas e tecnológicas para iniciar a construção de uma proposta de ensino remoto emergencial para Ensino Superior.



Ambientes Virtuais de Aprendizagem:

Explorando a interação online

O curso apresenta diversas possibilidades e ferramentas disponíveis para criação e utilização de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) para o Ensino Superior. Com esse conjunto de tecnologias, o professor poderá planejar e ministrar aulas através do ensino remoto, utilizando também as ferramentas assíncronas como instrumentos de suporte ao ensino presencial ou presencial virtualizado.



Ensino Presencial Virtualizado:

Aulas remotas em tempo real

O curso apresenta ao professor as funcionalidades das principais tecnologias para realização de aulas e atividades online em tempo real (síncronas), além de compartilhar algumas indicações didáticas para promover maior interação dos estudantes durante aulas presenciais virtualizadas.



Roteiro, Câmera e Ação:

Como gravar sua videoaula

O curso, com 10 horas de duração, tem o objetivo de capacitar professores a utilizar ferramentas e recursos diversificados para planejar, roteirizar e gravar uma videoaula de qualidade.



Ensino Remoto na Prática:

Como manter nossos estudantes ocupados (e aprendendo!) em casa

O curso discute a importância da prática e da avaliação formativa na escolarização e na aprendizagem. Foi estruturado a partir de exemplos concretos, passíveis de aplicação em todas as áreas do saber. Apresenta ilustrações de uso de tecnologias e recursos, além de atividades individuais colaborativas e instrumentos de avaliação formativa, dentro de uma perspectiva que visa estabelecer uma conexão ainda mais forte entre professores e alunos.

Diretoria de Extensão

Diretoria de Material Didático

Conteúdo

Bruna Werneck

Revisão

Mariana Caser

Projeto Gráfico e Diagramação

Núbia Roma

Contribuições para
Ensino Remoto

Fundação
CECIERJ

Secretaria de
Ciência, Tecnologia
e Inovação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO